

CAPÍTULO 2

MÚLTIPLOS SIGNIFICADOS DA IMAGEM DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS PARA AS CRIANÇAS DOS ANOS INICIAIS

Deise Weschenfelder Decarli

Gilca Maria Kortmann

1 INTRODUÇÃO

Durante os primeiros anos de alfabetização costumam ser utilizados, entre os materiais didáticos, livros contendo ilustrações. Entre as funções destas imagens está o apoio aos textos, que podem ser de diferentes disciplinas, e que servem como exemplos, complementando o assunto que está sendo desenvolvido e instigando a imaginação da criança.

Neste sentido, a criança faz elaborações a partir das imagens expandindo a criatividade e fazendo comparações entre o que lhe é apresentado no livro e seu modo de ver o mundo. Nesta pesquisa, faremos análise de imagens sobre Quilombolas em textos de livros didáticos, buscando demonstrar os diferentes significados que as mesmas podem ter para os alunos. Assim como os diferentes sentidos que são oferecidos por vários autores.

O tema a ser estudado se relaciona com a construção do conhecimento da criança, desta forma, as imagens fazem parte deste aprendizado tornando-o mais fácil e prazeroso. A utilização de imagens em livros didáticos é um complemento ao conteúdo oferecido. Quando fazemos uso de ilustrações para ensinar, estamos nos valendo de diferentes recursos, sendo a imagem algo complementar que conversa com o texto escrito. Sendo assim, possivelmente, é neste diálogo que a imagem afeta o ensino infantil, integrando algo concreto à escrita e exemplificando o que está sendo transmitido.

É possível que sejam encontradas informações diferentes na imagem daquelas que estão presentes no texto. Ou seja, esta complementação “texto e imagem” sugere um novo recurso para o aprendizado que traz benefícios para o aluno.

A utilização de imagens na construção do conhecimento infantil instiga maior interesse por parte das crianças tornando prazeroso e instigante. Cada vez mais as imagens são encontradas nos diferentes meios didáticos o que aproxima a interdisciplinaridade do cotidiano e do ambiente que constitui o processo de ensino.

Esta abordagem, que transita entre a tecnologia e a aprendizagem, é outra razão que faz deste tipo de estudo algo importante, pois se faz em torno do uso da imagem como benefício para o próprio professor. A imagem é um recurso que pode ser utilizado, inclusive se tratando da interdisciplinaridade, também como suporte para compreensão de temas mais abstratos. De forma interdisciplinar as imagens facilitam o aprendizado nos anos iniciais, por isso é importante analisar as imagens dos livros didáticos nos anos iniciais e compreendê-las.

A metodologia utilizada neste trabalho é de revisão teórica e estudo de amostragem. Utilizou-se como temática o aprendizado através das imagens de livros didáticos utilizados em anos iniciais. O problema levantado foi como as imagens inseridas nos livros didáticos afetam o aprendizado de alunos nos anos iniciais do ensino fundamental. O objetivo geral foi compreender como as imagens de livros didáticos de anos iniciais afetam o

aprendizado das crianças remanescentes dos Quilombolas do Ensino Fundamental. E os objetivos específicos foram observar imagens em livros didáticos de anos iniciais do ensino fundamental, analisar imagens de livros didáticos que envolvam a interdisciplinaridade e verificar de que forma as imagens facilitam no aprendizado destas crianças.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A imagem no livro didático possui relevante importância, pois as ilustrações podem facilitar a aprendizagem e, também, dar apoio significativo ao que está sendo ensinado. Sendo assim, entende-se que o processo cognitivo de aprendizagem proposto em um livro didático é mais eficiente quando se utiliza o recurso da ilustração. Segundo Albuquerque et al, “Uma imagem vale mais do que mil palavras? Não. Mas uma imagem acompanhada de palavras, explicações e orientações sim” (2014, p. 7140).

Neste sentido, as imagens são fundamentais, elas produzem impactos em nossos pensamentos, sobretudo nos estudantes, auxiliam o aprendizado e complementam informações valiosas. Quando acompanhadas de textos, facilitam a compreensão dos mesmos. Para um melhor e completo aprendizado são indispensáveis explicações sobre as imagens. Pois ao mesmo tempo que as imagens complementam os textos, estas também agregam e esclarecem informações quando utilizados em conjunto. Segundo Sandroni e Machado (1991, p. 38),

no processo de elaboração da linguagem, antes mesmo que se exprima por meio de palavras, a criança é sensível às imagens. Nesse processo, a imagem tem um papel primordial. Apesar de ser um material semiconcreto e bidimensional, constitui-se numa comunicação mais direta que o código verbal escrito, representado de forma abstrata.

A imagem é uma representação ou semelhança de alguma coisa. As imagens podem ser ambíguas, ou seja, podem ter mais que um sentido. Principalmente no ensino fundamental dos anos iniciais, os livros didáticos trazem textos que são representados por imagens. Segundo Sardelich (2006, p. 206), “Nessa concepção, a imagem passa a ser compreendida como signo que incorpora diversos códigos e sua leitura demanda o conhecimento e compreensão desses códigos”

Por outro lado, alguns profissionais da educação contestam a leitura de imagem, acreditam que não é possível fazer uma análise de imagem. Para eles, a imagem que está exposta, que representa o texto ou frases é objetiva e direta. Conforme o autor “apesar do crescente interesse pelo visual, a expressão “leitura de imagem” não é consenso entre artistas, educadores, historiadores, sociólogos e antropólogos, já que para vários pesquisadores desses campos não é possível “ler” uma imagem” (SARDELICH, 2006, p. 210).

Os alunos constroem conceitos da imagem. Conforme, Albuquerque (2014, p. 7143) e outros, “estas representações dos conceitos em imagens construídas pelos estudantes estão permeadas, pela vivência social e histórica de cada sujeito”. Por isso, é importante trabalhar imagens que estejam inseridas no contexto do aluno, desta maneira eles podem se familiarizar com o tema em estudo tornando o aprendizado mais fácil.

Conseqüentemente, o educador deve considerar sempre as vivências da criança, pois “a partir de sua inserção em um determinado contexto, o sujeito produz os sentidos que serão representados em seus modelos explicativos” (2014, p. 7143). O professor deve ponderar que cada aluno poderá interpretar a imagem de um jeito, pois toda imagem é ambígua e cada aluno possui sua própria vivência, ou seja, podem adquirir sentidos diferentes. Conforme Albuquerque e outros, “considerando que cada tipo de linguagem, a imagética e a textual, é formada por diferentes características, cada uma irá contribuir de diferentes formas para a aprendizagem do conceito” (2014, p. 7143).

As imagens criam ludicidade, possibilitando momentos de prazer para a criança. É importante que o aprendizado seja lúdico, pois desperta a fantasia, a imaginação e a criatividade do aluno possibilitando mais resultados positivos.

Segundo Jesus, “com o lúdico busca-se a motivação no aluno que não demonstra interesse pelas atividades nas escolas, desta forma o lúdico pode contribuir para uma melhoria nos resultados obtidos pelos alunos” (2014, p.10).

As ilustrações tornam-se um instrumento eficiente para motivar o aluno desinteressado, sendo que imagens alegres, coloridas, divertidas provavelmente poderão despertar a curiosidade e atraindo o interesse por parte daquele estudante. Nessa lógica, entendemos que é importante relacionar as imagens ao divertimento. Fonseca explica que as imagens colaboram com o aprendizado, pois “ilustrações e todo o projeto gráfico são partes integrantes do universo semântico, juntamente com o texto verbal” (2006, p. 452).

Por outro lado, as imagens podem trazer desconforto ao aluno, bem como uma forma de aprendizado equivocada. Muitas vezes as imagens que são apresentadas nos livros buscam retratar a realidade quando isso pode ser um equívoco, como é o caso de alguns livros de história. Segundo Carvalho (2006, p.4),

[...] os livros didáticos cujas ilustrações e textos apresentam imagens distorcidas, incompletas e estereotipadas sobre determinados grupos sociais, podem contribuir para rotular, desqualificar e estimular preconceitos, gerando referências negativas e provocando a baixa autoestima dos indivíduos.

Muitas vezes grupos étnicos e diferentes culturas são representados de outra forma desacertada nas imagens dos livros didáticos. Costumes são distorcidos e às vezes excluídos a partir das imagens. Deste modo estamos de acordo com Carvalho, quando explica que

[...] o processo histórico-cultural e as experiências cotidianas de certos grupos sociais, entre eles o negro, os índios, as mulheres, os ciganos, os homossexuais, cala-se sobre a existência dos diferentes, e isso significa excluí-las não só da história, mas, também da sociedade. (2006, p. 4).

Pois, conforme apontamos, as imagens de alguns livros didáticos podem discriminar alguns grupos sociais, ausentando estes das imagens, ou modificando na imagem a maneira que certas comunidades se constituíram, viveram e tomaram seus rumos. Portanto, devemos analisar as imagens para que tenham um significado, de preferência, o mais próximo possível do que seja o correto para que o aluno aprenda a verdade dos fatos.

A aproximação da imagem com a realidade se traduz na aproximação do aluno com o mundo em que ele vive. Caso isso não ocorra, o estudante provavelmente não irá relacionar o que está aprendendo com suas experiências tornando aquele ensino algo ilegítimo. É importante que a imagem represente algo importante para que a criança a compreenda. Da mesma forma com que deve ser relacionado o texto e/ou legendas com a figura apresentada, conforme já levantamos anteriormente. Segundo Freire (1996, p. 31), “não há para mim, na diferença e na distância entre ingenuidade e a criticidade, entre o saber de pura experiência feito e o que resulta dos procedimentos metodicamente rigorosos, uma ruptura, mas uma superação”.

Outra questão determinante para a relação imagem-texto funcionar é que a imagem deve chamar a atenção do aluno para que ele possa criar e ampliar em sua imaginação o que está sendo visualizado. Logo, a imagem deve ser uma ferramenta para o processo de ensino e de aprendizagem remetendo à criatividade no desenvolvimento do pensamento e a refletir sobre o que foi ensinado. Portanto, os alunos se tornam críticos ao analisar as imagens e a possibilidade de organizar novas ideias é um resultando positivo para o aprendizado do aluno dos anos iniciais.

No entanto, a imagem pode ser problemática enquanto ferramenta complementar para a educação no contexto de algumas disciplinas, como por exemplo, nos livros de História, em que as situações podem ser interpretadas de forma equivocada, como por exemplo, nos livros de História, em que as situações podem ser interpretadas de forma equivocada. Segundo Menezes (2003, p. 12),

ao se aproximar do campo visual, o historiador reteve, quase sempre, exclusivamente a imagem – transformada em fonte de informação. Conviria começar, portanto, com indignações sobre a percepção do potencial cognitivo da imagem para compreendermos como ela tem sido explorada, não só pela História, mas pelas demais ciências sociais e, antes disto, no próprio interior da vida social, na tradição do Ocidente.

Neste caso as imagens podem mais atrapalhar do que contribuir, tornando a realidade fantasiosa, mudando o rumo da própria disciplina. Silva (2010, p. 227) aborda este problema da seguinte forma:

[...] observamos em alguns textos e imagens ideias que excluem e silenciam as formas de (re) elaboração das práticas socioculturais dos povos indígenas. Pois as informações apresentadas sustentam a visão de uma cultura estática, congelada, na qual o índio continua sendo uma figura exótica.

Conforme menciona Silva (2010), alguns textos que trazem referências a imagens sobre os povos indígenas são ultrapassados. Segundo a autora, muitas vezes as imagens mostram um diferente modo de viver. Algumas imagens na história modificam os costumes e as vivências da época e isso não contribui com o aprendizado nos modos que estamos desenvolvendo neste trabalho. Problemas similares também são observados em livros didáticos de Ciências Biológicas em que

a análise das imagens de ecossistemas dos livros didáticos põe em evidência diferentes problemas científicos, tais como: demasiado destaque para os animais característicos de determinados ecossistemas, o conceito básico não é abordado, muitas imagens ignoram o dinamismo da cadeia alimentar, o ambiente urbano não é explorado como sistema ecológico e são apresentados, sobretudo, ecossistema globais, planetários. (MENDONÇA, 2003, p. 2).

Quando o professor trabalha imagens com questões do dia a dia do aluno, o educando relaciona suas vivências, suas experiências, sua cultura, com esta imagem, assim tornando um aprendizado mais fácil. Segundo Freire (1996, p. 41), “Uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se.”

Cada vez mais as imagens são encontradas nos diferentes meios didáticos o que aproxima a interdisciplinaridade do cotidiano e do ambiente que constitui o processo de ensino.

A presença de novas tecnologias no mundo escolar faz com que se repensem formas de atuação do professor. As representações que se fazem hoje do espaço de aprendizagem mostram a necessidade de um professor mais ágil, atualizado e pronto para novos desafios. É uma carga muito pesada para quem tem deficiências na sua formação inicial e não tem facilidade, pela própria gestão do tempo escolar, entre outras causas, para investir em uma formação continuada (BELARMINO, 2000, p. 12).

2.1 Análise das imagens: Quilombolas

As imagens remetam à pobreza em que vivem os Quilombolas no Brasil. Remetem à pobreza em que vivem os quilombolas no Brasil. As imagens mostram a simplicidade da moradia dos quilombolas. Segundo Piletti (2014, p. 70), “Os quilombos eram sociedades formadas por escravizados fugitivos em lugares escondidos. Seus habitantes, chamados quilombolas, podiam falar sua própria língua, fazer suas festas e praticar sua religião”.

Figura 1 – Negros habitantes de Porto Alegre



Fonte: PILETTI, 2014, p. 70.

Estas imagens trazem a ideia de que todos os quilombolas são marginalizados na sociedade, trazendo desconforto para este grupo social, e principalmente para a criança que estiver estudando a imagem. A constituição de 1988 garante os direitos e valoriza a formação social. Conforme Silva e Nascimento (2012, p. 26), “é importante ressaltar que a definição da forma coletiva de propriedade e o reconhecimento dos direitos territoriais de grupos étnicos, até então inexistentes, representam avanços significativos na legislação brasileira.”

Os Quilombolas são comunidades negras afro-brasileiras, eram comunidades de escravos, muitas dessas comunidades de quilombolas ainda nos dias de hoje resgatam sua cultura e religião. Segundo Rezende (2015, p. 32), “os movimentos negros brasileiros buscam o resgate da identidade étnica e do sentimento de pertencimento como elemento mobilizador para suas conquistas, a exemplo de direito a terra pelas comunidades remanescentes de quilombo”). Essa comunidade busca os seus direitos territoriais, valorizando seus antepassados escravos, sua cultura e sua religião. Por isso, é importante reconhecer a vida social dos quilombos e suas experiências de vida.

As imagens analisadas buscam a valorizarem o modo de viver coletivamente, e a comunidade Quilombola está no Brasil a muitos séculos, lutando por igualdade e inclusão. Conforme Vieira e Monteiro, “Os quilombos vivem em espaços comunitários étnicos organizados e ocupam, há séculos, diversos Estados brasileiros. Tais espaços, de vivência coletiva, contribuíram para a formação da identidade desse povo talvez, sua marca de resistência e sobrevivência no Brasil” (2013, p. 611).

A pobreza é um dos problemas enfrentados pela comunidade quilombola, bem como dificuldades no âmbito da saúde, que muitas vezes é precária, e o desemprego que afeta essas pessoas. Esta situação é histórica, se arrasta desde os tempos da escravidão e, infelizmente, permanece com muitos descendentes e integrantes dos quilombos.

Figura 2 – Negros Gaúchos



Fonte: PILETTI, 2014, p.71.

O preconceito sempre afetou os quilombos e principalmente as crianças na fase escolar. Os alunos quilombolas ao estudarem uma imagem da sua etnia em livros didáticos podem sofrer discriminação pelos colegas, pela forma humilde que esta sociedade muitas vezes foi imposta a viver. Por este motivo, sua cultura acaba sofrendo preconceito e sendo desvalorizada.

É responsabilidade do professor valorizar a cultura e as religiões quilombolas, ao mostrar uma imagem da etnia o educador deve falar da importância desta comunidade para o crescimento do país, lembrar aos alunos que muitos são indiretamente descendentes dos quilombolas sem nem mesmo saberem. Realizar atividades mostrando

a beleza das religiões afro-brasileiras e suas religiões.

É importante destacar a importância dos quilombolas na agricultura do Brasil, a agricultura é a principal atividade dos quilombolas. Eles sobrevivem da agricultura há muitos séculos.

A partir das imagens analisadas o professor deve valorizar a identidade linguística dos quilombolas, fazendo atividades que incluam esta língua no contexto escolar.

3 CONCLUSÃO

Concluimos que as imagens nos livros didáticos têm grande importância para o aprendizado dos alunos nos anos iniciais. Porém, podem gerar certo desconforto aos alunos, como é o caso daqueles que possuem raízes nas comunidades quilombolas. Observamos isso com base na análise das imagens de quilombos em obras didáticas (PILETTI, 2014), onde foi possível verificar a cultura histórica do povo quilombola. Sendo assim, para evitar a baixa auto estima, a desvalia, os sentimentos de desamores e danos psicológicos dos alunos que se enquadram neste contexto, cabe ao professor ou professora buscar a melhor maneira de fazer abordagens sobre as referidas imagens.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, T. C. C. de; SÁ, R. G. B. de; CARNEIRO-LEÃO, A. M. dos A. A Importância da Habilidade de Leitura de Imagens para a Compreensão de Conceitos Científicos. **Revista da SBEnBIO**, n. 7, p. 7139-7150, Out./2014. Disponível em: <www.sbenbio.org.br/wordpress/wp-content/uploads/2014/11/R0964-1.pdf>. Acesso em 10 de março de 2018.

BELARMINO, C. A. A imagem e suas formas de visualidade nos livros didáticos de português. **Educação & Sociedade**, São Paulo, v. 21, n. 72, Ago., 2000. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/873/87313698002/>> Acesso em 09 set. 2017.

CARVALHO, A. A. de M. C. de. **As Imagens dos Negros em Livros Didáticos de História**. Dissertação de Mestrado. Curso de Mestrado em Educação do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina. Outubro/2016. 139 p. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/88563/236610.pdf>>. Acesso em: 08 de março de 2018.

FONSECA, L. M. da. Leitura de imagens e a formação de leitores. **Caderno de Pesquisa**, São Paulo, v.36, n.128, mai/ago, p.451-472, 2006. Disponível em: <http://alb.com.br/arquivomorto/edicoes_anteriores/anais16/sem08pdf/sm08ss02_02.pdf> Acesso em 09 set. 2017.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

JESUS, L. A. C. de. **O Lúdico e sua Contribuição para o Processo de Ensino**. Aprendizagem no Ensino de Ciências. Monografia de Especialização, Pós-Graduação em Ensino de Ciências da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2014. 35 p. Disponível em: <http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/4274/1/MD_ENSCIE_2014_2_49.pdf>. Acesso em 10 de março de 2018.

MENDONÇA FILHO, J.; TONAZELLO, M. G. C. As imagens de ecossistemas de livros didáticos de ciências e suas implicações para educação ambiental. In: **IV Encontro Nacional de Pesquisa em Educação e Ciências**, Bauru/SP, 2003. Disponível em: <<http://fep.if.usp.br/~profis/arquivos/ivenpec/Arquivos/Painel/PNL073.pdf>> Acesso em 09 set. 2017.

MENESES, U. T. B. Fontes visuais, cultura visual, história visual. Balanço provisório, propostas cautelares. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 23, n. 45, p.11-36, Jul., 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbh/v23n45/16519.pdf>> Acesso em 28 set. 2017.

PILETTI, F. **Estado do Rio Grande do Sul: Espaço e cidadania**. São Paulo: Ática, 2014.

REZENDE, Lilian Cristina. **O cotidiano de uma comunidade quilombola: a (des)construção da integralidade na visão de moradores e equipe de saúde**. Dissertação de Mestrado. Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais, 2015. Disponível em: <<http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?IsisScript=iah/iah.xis&src=google&base=BDENF&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=28127&indexSearch=ID>>. Acesso em 26 mar 2018.

SANDRONI, L. C.; MACHADO, L. R. (orgs). **A criança e o livro: guia prático de estímulo à leitura**. São Paulo: Ática, 1991.

SARDELICH, M. E. Leitura de imagens e cultura visual: desenredando conceitos para a prática educativa. **Educar em Revista**, n. 27, p.203-219, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-40602006000100013&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em 12 de março de 2018.

SILVA, M. da P. da. A presença dos povos indígenas nos subsídios didáticos: Leitura Crítica sobre as abordagens das imagens e textos impressos. **Mnemosine Revista**, v. 1, n. 2, Jul/Dez, p. 221-243, 2010. Disponível em: <http://www.ufcg.edu.br/~historia/mnemosinerevista/volume1/dossie_brasil-imperio/artigos/MNEMOSINE-REVISTA_BRASIL-IMPERIO-VOL1-N2-JUL-DEZ-2010-A%20PRESEN%C3%87A%20DOS%20POVOS%20IND%C3%8DGENAS.pdf> Acesso em 16 out. 2017.

SILVA, S. R. da; NASCIMENTO, L. K. do. Negros e Territórios Quilombolas no Brasil. **Cadernos CEDEM**, v. 3, n. 1, p. 23-37, 2012. Disponível em: <<http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/cedem/article/view/2339/1962>>. Acesso em 12 de março de 2018.

VIEIRA, A. B. D.; MONTEIRO, P. S. Comunidade quilombola: análise do problema persistente do acesso à saúde, sob o enfoque da Bioética de Intervenção. **Saúde em Debate**, Rio de Janeiro, v. 37, n. 99, p. 610-618, out/dez 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-11042013000400008&script=sci_abstract&tlng=pt> Acesso em 27 mar 2018.